Capoeirices de Zantoin



IPHAN





PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Jair Bolsonaro

MINISTRO DA CIDADANIA
Osmar Terra

SECRETÁRIO GERAL DE CULTURA
Ricardo Braga

PRESIDENTA DO IPHAN
Kátia Bogéa

DIRETORES DO IPHAN
Andrey Rosenthal Schlee
Hermano Queiroz
Marcelo Brito
Marcos José Silva Rêgo
Robson Antônio de Almeida

SUPERINTEDENTE DO IPHAN NO CEARÁ
Otacílio José Pinheiro Macedo

TEXTO
Igor de Menezes Soares

ILUSTRAÇÃO
Paulo Ciola

REVISÃO TÉCNICA
Alexandre José Martins Jacó
Bruna Karina Melo
Elisabete Rodrigues Gonçalves
Igor de Menezes Soares
Isabelle de Lima Almeida
Ítala Byanca Morais da Silva
Paula Ferreira Alves

PROJETO GRÁFICO
Alecsander Coelho

DIAGRAMAÇÃO
Phábrica de Produções
Alecsander Coelho, Daniela Bissiguini, Ércio Ribeiro, Marcelo Macedo, Paulo Ciola e Kauê Rodrigues

CAPA
Paulo Ciola

REFERÊNCIA
A ilustração constante nas páginas 18 e 19 se baseou na obra, óleo sobre tela, de Johann Moritz Rugendas, intitulada Jogo da Capoeira, de 1835.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
www.iphan.gov.br
publicacoes@iphan.gov.br
iphan-ce@iphan.gov.br

Capoeirices de Zantoin

Texto: **Igor de Menezes Soares,**
Ilustrações: **Paulo Ciola**



FORTALEZA, IPHAN, 2019

S676c

Soares, Igor de Menezes
Capoeirices de Zantoin / Igor de Menezes Soares ; ilustração Paulo Ciola. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF). – Fortaleza : IPHAN, 2019.
68 p. : il.

Modo de acesso: www.iphan.gov.br

ISBN 978-65-86514-14-8

1. Literatura Infantil-juvenil. I. Ciola, Paulo. II. Título.

CDD 028.5

Elaborado por: Elisabete Rodrigues Gonçalves – CRB-3/940

Prefácio

Nas primeiras décadas de sua atuação o IPHAN se restringiu a preservar os vestígios monumentais civilizatórios da presença colonizadora - europeia e católica - no Brasil. Um grupo de intelectuais modernistas, na ânsia por identificar os símbolos de uma brasilidade, de uma nação em construção, foram os responsáveis por definir o que deveria ou não ser preservado. Ainda que não possamos desprezar a ação preservacionista realizada ao curso das primeiras décadas de existência do IPHAN, pelo contrário, nesse período muita coisa importante foi valorizada e preservada, não resta a menor dúvida de que esses vestígios memoriais não refletem, como nunca refletiram, a diversidade cultural do país.

A perspectiva de atuação do IPHAN atualmente é sem dúvidas mais abrangente. Desde a década de 70, e sobretudo na década de 80 em diante, ocorreram ações relevantes para a transformação da instituição. Em 1984 houve o tombamento pelo IPHAN do 1º templo não católico, terreiro de Candomblé da Casa Branca do Engenho Velho, Ilê Axé Iyá Nassô Oká, localizado em Salvador. A constituição de 1988, no seu artigo 216, considerou que o patrimônio cultural brasileiro não se restringia aos "bens de natureza material", mas também as múltiplas e diferentes manifestações imateriais do país. No curso dessas transformações, o Decreto 3.551, de 4 de Novembro de 2000, instituiu o Registro dos bens culturais imateriais. Desde então, o IPHAN vem aprofundando tal perspectiva preservacionista, de modo que atualmente há uma série de ações de salvaguarda em curso, ou seja, o empenho da instituição, de seus parceiros e detentores a fim de garantir as condições de produção, reprodução e sustentabilidade de tais manifestações culturais.

O livro Capoeirices de Zantoin é parte dessas ações de salvaguarda, como também parte dessas mudanças que definiram uma maior abrangência preservacionista do IPHAN, que fundamentalmente se baseia na busca por autonomia dos detentores, em uma gestão participativa do bem cultural Registrado e, principalmente, no respeito às diferentes formas de se manifestar e de enxergar o mundo.

Superintendência do IPHAN no Ceará





José Antônio quase não dormiu na noite anterior. Estava ansioso por esse dia. Os anos passaram correndo sem olhar para trás. Estavam presentes muitas pessoas próximas - amigos, mestres, alunos e sua família. Era um momento de pura emoção para os que estavam ali. Depois de alguns mestres falarem, chegara o momento mais esperado; a palavra estava com José Antônio:

- Boa noite a todos. Agradeço a cada um pela presença. Hoje gostaria de compartilhar algumas lembranças com todos vocês. Não foi fácil chegar até aqui. É preciso muita dedicação à capoeira. Tenho orgulho de minha trajetória e das pessoas que conheci ao longo desse caminho. Lá atrás, passamos por experiências maravilhosas e outras um pouco mais difíceis que marcaram para sempre minha vida:



Lembro que a caminhada foi longa até chegarmos à rodoviária.
- Mãe, tô cansado! Num quero mais andar não.
-Bora menino, deixa de besteira que ainda falta muito pra gente chegar.
O sol batia o tempo todo em nossa cabeça. Eu estava caxingando pois, no dia anterior, tinha jogado bola e arranquei o chaboque do meu dedo. Em vez de chutar a bola, chutei o chão. Minha irmã estava bem gripada, toda catarrenta. Mas não tivemos descanso, se não perderíamos o ônibus que saía para Fortaleza às 13h.

Minha mãe também estava exausta, mas não podia demonstrar. Sabia que se não fosse forte, as coisas iam ser mais difíceis. Éramos dois filhos, eu, José Antônio, com 11 anos, e Dorinha, com 9 anos. Um dia nosso pai viajou para trabalhar em São Paulo, como cortador de cana, e nunca mais voltou. Depois disso, tudo ficou mais complicado e minha mãe decidiu que íamos morar em outro lugar. Ela tinha conhecidos em Fortaleza que prometeram ajudá-la a conseguir trabalho. No nosso povoado, as coisas estavam bem ruins, não tinha serviço, uma seca danada e, por isso, todo mundo estava saindo de lá para conseguir um lugar melhor para viver.

- Mãe, falta muito pra gente chegar?

- Falta não! Fica quieto que demora menos.

- Eita, por quê?

- Por nada não... ó aí, falou, vamo ficar mais tempo aqui!

- Vixe! Nã, ninguém pode nem falar mais...

Meia hora depois, chegamos à rodoviária:

- Vamo que nosso ônibus é aquele, bora rápido!

Corremos com vontade em direção ao ônibus. Entramos meio ofegantes.
Minha mãe mostrou as passagens e logo sentamos.

- Ai que bom! Eita, que essa cadeira é boa e nada de sol no quengo.

O ônibus partiu. Estávamos todos com muita fome e sede. Depois de todo o caminho que fizemos, não era para menos. Uma senhora que estava sentada perto da gente percebeu nosso estado de penúria. Não demorou e nos ofereceu água e um pouco de comida: pães e broa.

- Obrigada, senhora. Agradeçam à senhora também, meus filhos.

- Obrigado, tia!

- Obrigada, tia!

- De nada, fiquem com Deus!

- A senhora também!



Quando a barriga está cheia, tudo parece melhor. Depois de comermos, os olhos cresceram e a boca logo teve muita vontade de falar, mas minha mãe havia dito que se falássemos a viagem ficava mais demorada. Então, ficávamos mais pensando ou falando baixinho entre nós mesmos. Do ônibus, os lugares não eram tão diferentes do nosso povoado: umas pessoas, muito mato seco, uns bichos e o sol ardendo com força. Vez ou outra, passávamos em locais maiores, aí tinha uma praça, uma igreja, algumas pessoas, alguns bichos, mato seco e uma quentura que nos fazia esquecer a vida, para lembrarmos de novo só quando dava um ventinho ou outro perdido.



Quando o ônibus chegou a Fortaleza, aí tudo ficou bem diferente. Era muita gente, muita casa, tinha carro e moto para todo lado. Era mais gente que árvore. Tudo era rápido demais, era carro, era gente, era bicho, era tudo. Não sabíamos o que olhar primeiro; ficávamos zanzando a cabeça, da esquerda para direita, da direita para esquerda, de cima para baixo, de baixo para cima. Às vezes tentava olhar com um olho para uma coisa e com o outro para outra coisa, que nem camaleão, mas não dava.



Da janela do ônibus, olhávamos tudo, meio curiosos, meio assustados. Era muita novidade. O ônibus fazia muita curva, dobrava para cá, para lá e nunca chegava. Minha mãe tava com sono, mas lutava para não dormir. Sabia que tinha que estar atenta para não passar do nosso ponto. O ônibus ia para a rodoviária, mas parava antes em alguns lugares. De vez em quando, ela fechava os olhos, mas logo abria, olhava para gente com certo ar de preocupação; olhava na cara de cada um e ficava satisfeita pois estávamos os dois sentadinhos.



De repente...

- É a próxima! Vamos...

Minha mãe abraçou carinhosamente a senhora que nos tinha dado água e comida e rápido se dirigiu à porta de saída do ônibus. Também nos despedimos e corremos atrás de nossa mãe. O ônibus parou, descemos e se aproximou rápido um senhor que, ao avistar nossa mãe, abriu um sorriso grande. Os dois se abraçaram forte:

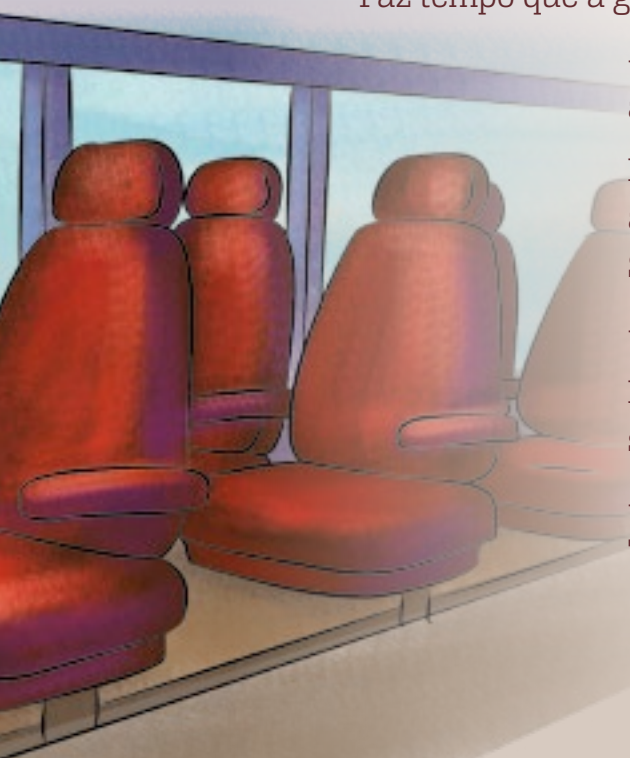
- Gorete!

- Carlinhos!

Ele olhou para gente e disse:

- Nossa, como estão grandes, Gorete!

- Faz tempo que a gente não se vê, homi.



- É mesmo. Estou feliz por vocês estarem aqui.

Enquanto eles conversavam, passaram algumas pessoas que cumprimentaram Seu Carlos:

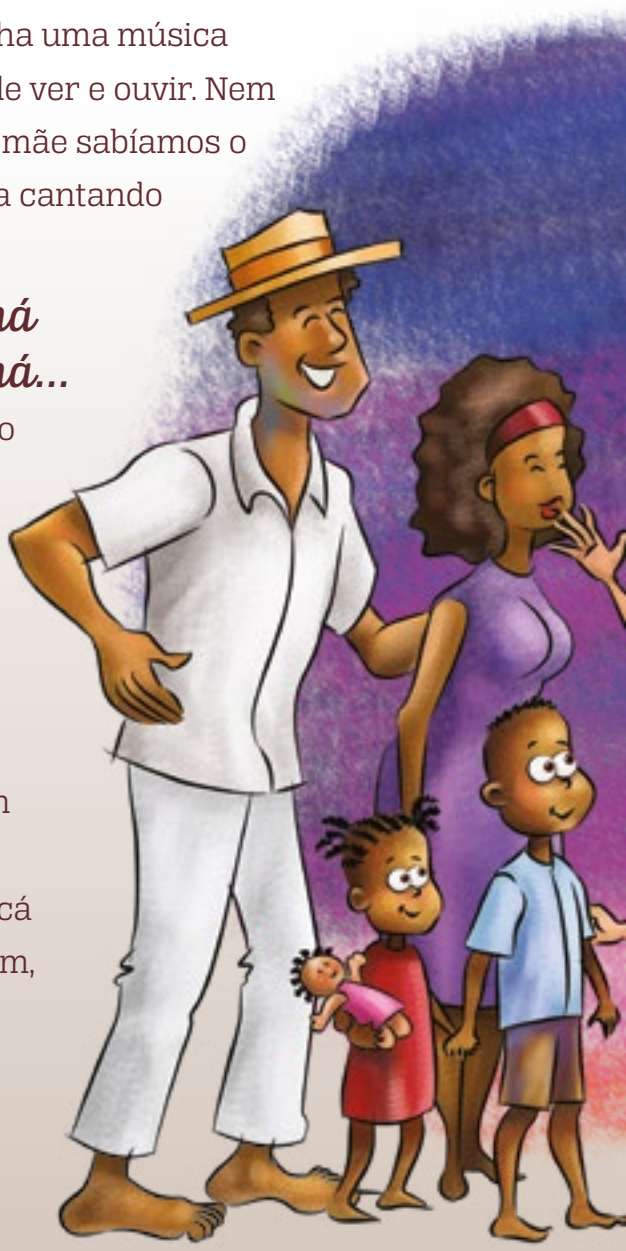
- Oi, mestre!

E ele respondia com toda a educação, sorrisão no rosto:

- Oi, tudo bem? E aí rapaziada!?
Tudo joia, meu irmão?

Já era noite. Seguimos para casa dele. Íamos atrás observando tudo, enquanto o Seu Carlos e nossa mãe colocavam a conversa em dia. Depois de andarmos um pouquinho, chegamos a um lugar que tinha uma música alta. Muitas vozes cantavam. Era bonito de ver e ouvir. Nem eu, nem minha irmã, muito menos nossa mãe sabíamos o que estava acontecendo. O pessoal estava cantando da seguinte forma:

- Paranauê, Paranauê, Paraná
Paranauê, Paranauê, Paraná...



Então o Seu Carlos entrou no local e nós o acompanhamos. Todos o conheciam por lá. Todos o cumprimentaram, sorriram para ele, apertaram sua mão e o abraçaram. Era um ambiente festivo, com pessoal vestido de branco. Formavam uma roda e alguns deles tocavam e cantavam, outros só cantavam e batiam palmas. No meio da roda, duas pessoas ficavam se movimentando para cá e para lá, davam uns pulos altos, chutavam, faziam movimentos que eu nunca tinha visto na vida. Era bonito demais de ver! Eu entrei com os olhos pequenos e, de repente, quando cheguei pertinho da roda, meus olhos estavam imensos...

- Vixe Maria!



Fui então até o Seu Carlos e perguntei o que era aquilo. Já tínhamos chegado e a viagem não ia mais demorar, por isso já estava podendo falar:

- O que é isso, Seu Carlos?

- É capoeira, meu filho. Nunca tinha visto capoeira antes?

- Não. E o que é capoeira?

- Capoeira é um jogo, uma luta, uma dança que foi muito praticada principalmente pelos escravos e por seus descendentes aqui no Brasil.

- Vixe, e o que é escravo?

- Antigamente, muitos africanos, mulheres e homens negros, foram trazidos ao Brasil à força. Eles eram tratados como coisas por proprietários de terras ricos que se



consideravam seus donos. Os fazendeiros compravam os escravos para trabalharem em suas lavouras, de cana-de-açúcar, de café, de algodão. Vinham de navio, os tumbeiros, em condições precárias e quando chegavam eram obrigados a trabalhar muito...quatorze, quinze, dezesseis horas de esforço quase todos os dias. Alguns conseguiam fugir ou, pelo menos, tentaram escapar daquela vida, mas não era fácil. Não tinham recursos, não conheciam ninguém, nem o local para onde eram enviados e ainda tinha o pessoal que os vigiava dia e noite pra eles não fugirem. Muitos escravos que conseguiam escapar se refugiavam em quilombos.

- E a família deles?

- Quando chegavam aqui, não tinham família. Os pais, as mães, os irmãos, os avós, os amigos ficavam na África. Tinham que fazer novos amigos e até mesmo uma nova família, pois poucos puderam retornar as suas casas. Imagine se você fosse levado a um lugar distante e nunca mais pudesse ver sua família.

- Ia era chorar o tempo todo, até que me levassem de volta.



- É claro! Mas o Brasil foi um dos últimos países do mundo a acabar com a escravidão. Isso é uma marca negativa para nossa sociedade. A escravidão de africanos gerou, dentre outros problemas, uma sociedade preconceituosa, que enxerga as pessoas negras como seres inferiores ou perigosos. A escravidão foi abolida em 1888, mas no Brasil, hoje em dia, ainda há muito preconceito.

- Preconceito?

- É...algumas pessoas criam histórias, ouvem mentiras e aceitam isso como verdade. Com a capoeira, acontecia muito isso. Como ela foi praticada por escravos e seus descendentes, as pessoas que não eram escravas achavam que capoeira era uma coisa sem valor, de vagabundos, criminosos, pois julgavam que os negros escravizados e tudo que eles faziam eram inferiores, não tinham valor algum. Ainda acontece, mas a sociedade está mudando. A capoeira hoje é vista de uma forma muito diferente.







- Eu posso fazer?

- Pode, se sua mãe deixar.

- Eu também quero!

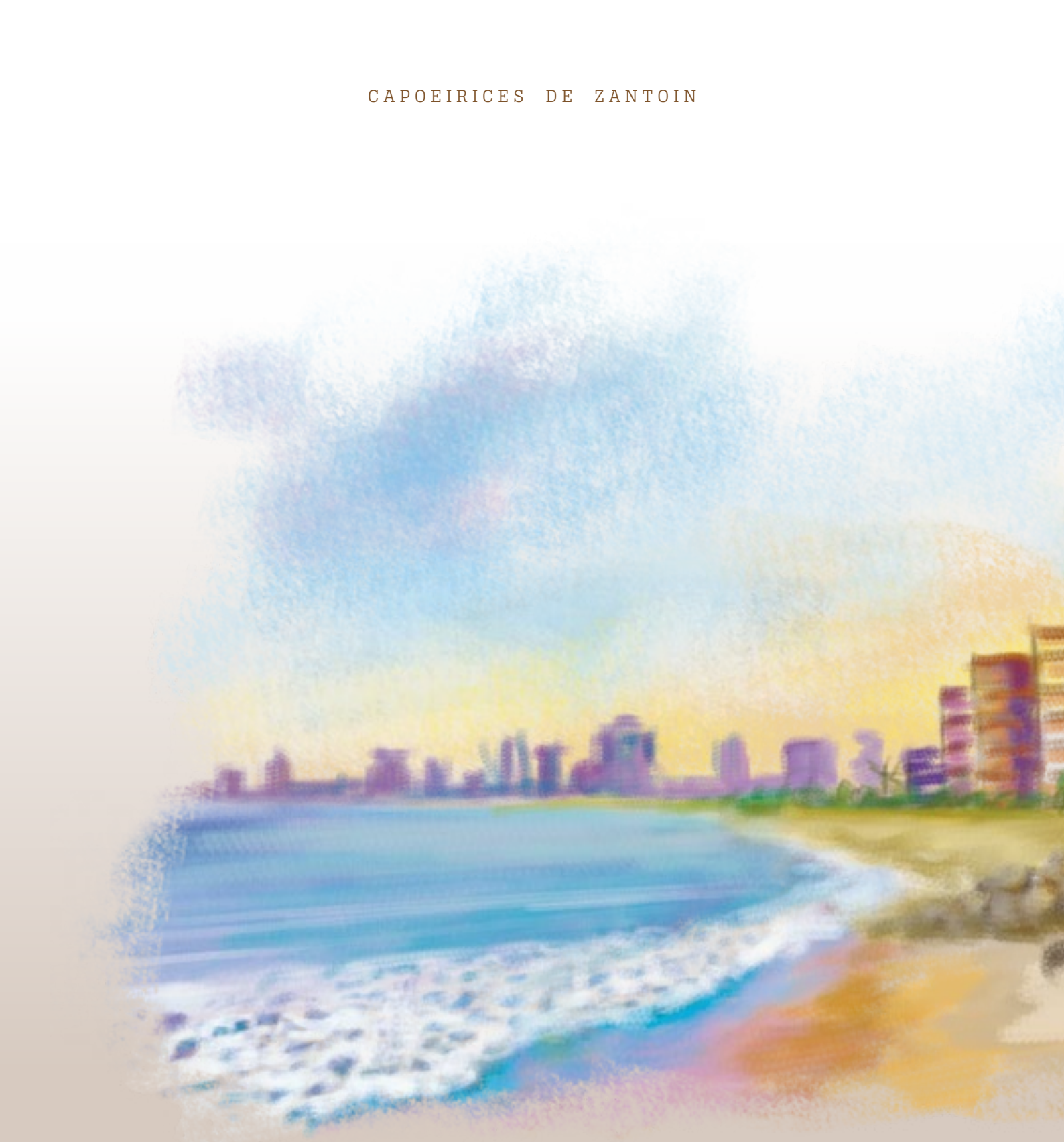
- Deixa de besteira, menina, que isso é coisa de homem.

- Calma, Gorete! Capoeira é coisa de mulher também. Não tem nada a ver. Aqui em Fortaleza tem muitas mulheres que praticam, algumas inclusive são mestras de capoeira, como a mestra Vanda e a mestra Carla. No passado, os pais delas tentaram impedir que elas praticassem porque achavam que não era coisa para meninas, mas elas não aceitaram. Praticaram capoeira por muito tempo, às vezes escondidas. Hoje ensinam capoeira e lutam contra esse preconceito.

Dali, partimos para a casa de Seu Carlos, que ficava pertinho. Guardamos nossas malas. Comemos um pouco, ficamos jogando conversa fora mais um tempinho e...

(TIBUM!)

Caímos no sono. Estava todo mundo muito cansado.





No dia seguinte, minha mãe teve que sair cedo e nós ficamos um pouquinho mais na cama. Quando levantamos, o Seu Carlos nos levou para ver a capoeira de novo. Só que agora foi na praia. Ficamos encantados olhando para o mar. Mas logo nossa atenção se voltou para a capoeira. O Seu Carlos nos disse que tinha falado com nossa mãe e que ela nos permitiu fazer a aula. Ficamos os dois satisfeitos, rindo um para o outro.

- Massa demais!

- Eu vou dar uns pulos bem altos.

- O meu vai ser muito mais alto.

- Vamo ver, ó.

Não houve nada de pulo, nada de salto. Aprendemos a gingar, para um lado e outro. Sem ginga não tem capoeira. Depois aprendemos a nos defender, fizemos a cocorinha, aprendemos a atacar com a meia-lua de compasso. Então aprendemos a fazer o Aú, que eu conhecia como estrelinha.

Ficamos observando um grupo de garotos que já praticavam capoeira há algum tempo. Eles conseguiam fazer cada coisa com o corpo que não dava para acreditar. Estavam disputando quem conseguia fazer os movimentos mais difíceis:

- Meu irmão, vou te gelar, ó!

O garoto fez um movimento que depois fiquei sabendo se chamar “S-dobrado”. E quando ele disse que ia gelar o outro garoto, estava lançando um desafio, afirmando



categoricamente que era mais habilidoso e capaz de fazer algo que o outro rapaz não conseguiria. E posso garantir que o “S-dobrado” que ele fez foi muito bonito; tanto que o pessoal aplaudiu. O garoto desafiado não pôde deixar para lá, seria uma humilhação perante os demais colegas. E foi para o movimento:
- Iêêêêêêêêiii

Não conseguiu.

O pessoal deu uma vaia para não perder o hábito, mas ele continuou tentando. E nada. Até que desistiu.





Depois da aula, ficava só pensando no que a gente tinha aprendido. Queria fazer aqueles movimentos em todo lugar. O Seu Carlos era mestre de capoeira e “puxou o treino”, como ele mesmo falava. Para ser mestre de capoeira, é uma caminhada longa, mais longa que a caminhada que fizemos para chegar à rodoviária, e o sol também é um pouquinho mais quente. Começamos como alunos, depois passamos por várias graduações, como instrutor, professor, contramestre. Depois de algumas décadas de muita prática e dedicação, a pessoa pode se tornar Mestre. O Seu Carlos usa uma corda vermelha, que é a corda utilizada por mestres em seu grupo. Mas os capoeiristas em Fortaleza nem sempre utilizaram cordas para demonstrar o seu nível de habilidade e conhecimento na capoeira.



Dali, fomos conhecer a Beira-mar, visitamos a estátua da índia Iracema e o Mucuripe. Pertinho estava acontecendo uma roda de capoeira. Nós fomos até lá. Ao chegarmos, todos cumprimentaram o Seu Carlos. Ninguém falava seu nome.

- Ô, Mestre Romeiro!

E ele sempre sorridente cumprimentava todo mundo.

- Por que chamam você de Mestre Romeiro?

- É meu nome de batismo na capoeira. Eu sou devoto de Padre Cícero. Todo ano vou a Juazeiro do Norte, visitar a cidade do meu Padim.

Em seguida, aproximou-se um senhor para falar com o Seu Carlos, que tomou um susto quando o viu:

- Mestre Zé Renato! Faz muito tempo que eu não o vejo.

- Não é...vou ficar por aqui agora, vamos nos ver mais.

- Ótimo. Agora fiquei feliz.
Ah, esses são os filhos de uma amiga. Hoje foi o primeiro dia deles na capoeira.

- E aqui meninos é o meu mestre, Mestre Zé Renato, aliás é o mestre de muita gente; é um dos primeiros mestres de capoeira aqui do Ceará.

- Mestre, venha, vamos entrar na roda.

Fazia tempo que eles não se viam, mas quando entraram na roda, o negócio foi bonito. A gente ficava olhando, apreciando cada movimento que faziam; eram perfeitos, como se tivessem ensaiado por muito tempo. Depois que o Mestre Zé Renato entrou na roda, todos quiseram jogar com ele. O Seu Carlos demorou ainda um pouquinho na roda e depois veio em nossa direção:

- E aí, estão gostando?

Respondemos que sim rapidamente, com sorriso no rosto.

- Tá vendo aquele instrumento que eles estão tocando, aquele maior:

- Estamos.

- Aquele é o berimbau. Sem berimbau não tem roda. O outro é o atabaque. Há vários instrumentos que podem ser tocados numa roda de capoeira, como o pandeiro, o agogô e o reco-reco. Depois vou mostrar pra vocês. Agora já está tarde, vamos embora.

Quando chegamos, nossa mãe já estava em casa. Perguntou como tinha sido nosso dia, e nós dissemos tudinho:

- Tá bom, não precisa falar tudo. E um de cada vez, por favor. Amanhã vocês começam a estudar. Consegui matricular os dois.

- Ah, não, mãe!

- Ah, sim, senhor! E sim, senhora! Amanhã cedinho tem aula.

- A gente não pode ficar na capoeira em vez de ir para aula?

- Não vai ter capoeira se não tiver aula e, se as notas forem ruins ou vocês se danarem, nada de capoeira também.

- Nã, Deus me livre, a mãe só quer é mandar.

- Deixa de besteira, menino, vai logo tomar teu banho que tu tá podizim.

- E a Dorinha?

- Ela também vai. Depois que você terminar, será a vez dela.

- Ah, não, mãe! Eu não tô suja não.

- Tá não...e esse seroto no teu pescoço é um colar de pérolas raras, é?





No dia seguinte, lá estávamos nós. Levantamos, ainda estava no escuro. Tivemos que tomar um banho frio e chegamos à nossa nova escola.

- Preferia ir pra capoeira.

- Deixa de besteira, menino! Tem que estudar!

- Mas eu quero ser mestre de capoeira!

- Sim, uma coisa não impede a outra. Ô bichim abestado!

- Mas não precisa estudar para ser mestre.

- Não tem nada a ver! O mestre de capoeira é uma função de muita responsabilidade, habilidade e conhecimento. Você, estudando, pode se tornar mestre. E vai ser um mestre bem melhor, tenho certeza. E tá bom de conversa, menino! Você tá falando mais que o homem da cobra! Tua língua vai é cair de tanto falar. E se as notas na escola forem ruins, em vez de ir para a capoeira, você vai ficar comendo poeira, em casa.



Fomos recebidos pela diretora, Dona Neide. Não deu nenhum sorriso. Explicou rapidamente as regras da escola, onde eram nossas salas, a cantina e zéfini. Nossa mãe foi embora e ficamos os dois avulsos, com cara de tacho, sem saber onde colocar as mãos. A gente não conhecia ninguém. Fomos para as nossas salas e depois nos encontramos na hora do recreio. Não demorou muito e um grupo que estava perto começou a chamar minha irmã de "carvão".

- Mulher, essa é tua cor ou você passou carvão na pele? Hahahahha...

Minha irmã ficou com os olhos cheios de lágrimas.

- Parece uma macaca! Hahaha...

Depois de um tempo, a gente começou a responder:

- Saiam daqui, seus insetos! Vão simbora, cambada de nojentos!

Foi uma briga de insultos.



O nosso primeiro dia foi difícil, mas chegamos e não contamos nada a ninguém. Ficamos na nossa, esperando que o dia seguinte fosse melhor. E não foi, piorou! começaram a me apelidar também. Eu respondia, mas éramos minoria. O meu apelido passou a ser “neguim”. Ia jogar bola:

- Toca a bola, neguim!

- Chuta, neguim!

- Ô neguim ruim!

Eu dizia que meu nome não era neguim. Dizia inclusive que era moreno. Todos começavam a rir. Quando já estava saturado dos apelidos, partia para briga, e aí era uma confusão. Minha mãe era chamada à escola. Pegava suspensão. A diretora dizia para a minha mãe que eu era muito “esquentado” e violento. Eu e minha irmã ficávamos calados, não dizíamos nada. Até os adultos começaram a me chamar de “neguim”, “tição” etc. Alguns não chamavam, mas riam da situação. A diretora cansou de rir quando alguém me chamava de “neguim” ou diziam que minha irmã era um “carvão”.





Na escola tudo ia mal, mas na capoeira, ah, tudo estava maravilhoso! O Mestre Romeiro começou a nos levar para conhecer várias rodas de capoeira. Quando chegávamos nas rodas, apresentava-nos aos mestres e ainda nos ensinava um monte de movimentos.

- Tá vendo? Ali é o Mestre Zé Ivan! Pense num cara rápido. Sabe tudo de capoeira, joga muito o Mestre Zé Ivan!

- Eita, que movimento foi aquele que ele fez?

- Ali foi uma tesoura.

- Vixe! E aquele?

- Benção.

Em cada roda, aprendíamos muito e conhecíamos um pessoal bem legal. O Mestre Romeiro ia nos ensinando que a roda era um lugar de respeito, principalmente aos mestres. Além disso, falava que os capoeiristas, nas rodas, se comunicam por gestos, olhares e que essa forma de comunicação era mais importante, em certas ocasiões, do que a fala, as palavras.



Tenho na lembrança uma roda que a gente foi, muito legal. Nesse dia tinha bastante gente. O Mestre Romeiro estava empolgado:

- Agora vão entrar na roda o Mestre Jorge Negão e o Mestre Paulão.

Não dava nem para piscar. Os dois estavam jogando muito rápido, quase saía faísca. Os pés de um e de outro iam para um lado e para outro. Era queixada, era armada, e, de repente, o outro escapava. Dava aflição de ficar vendo. Era muito rápido e quase o golpe pegava na cara, continuava rápido, e quase o outro golpe pegava no peito:

- Eita pau!

O pessoal cantava:



Ô ligeiro, ô ligeiro, Paraná
O menino é ligeiro, Paraná
Eu também sou ligeiro, Paraná
E o menino é ligeiro, Paraná
E o Mestre Bimba é ligeiro, Paraná
Seu Pastinha é ligeiro, Paraná



O toque do berimbau e as palmas iam ficando mais velozes... então, o Mestre Lula pediu licença ao Mestre Jorge Negão e começou a jogar com o Mestre Paulão. O ritmo continuou intenso.

- Deus o livre!



Lá ia o Mestre Lula, de um lado para o outro; tentou dar uma rasteira no Mestre Paulão, que escapou e deu um contragolpe, derrubando-o; os dois continuaram jogando. Depois de um tempinho, o Mestre Lula deu uma tesoura no Mestre Paulão e o pessoal ficou meio tenso, achando que ia ter confusão, mas não teve. Depois disso, os dois se abraçaram e a roda continuou...



O Mestre Romeiro, nesse dia, nos apresentou ao Mestre Paulão:

- Meninos, este aqui é o Mestre Paulão Ceará. Ele também é fera demais.

Os dois se abraçaram forte. O Mestre Paulão foi muito simpático e logo nos deu umas lições de capoeira:

- Vocês que estão começando agora têm que estar atentos na roda. É um olho no gato e outro no peixe. O bom capoeira tem que ter visão periférica. Tem que estar atento no jogo e no que acontece ao redor. Não esqueçam isso!

Eu fiquei muito admirado olhando aquele homenzarrão na minha frente, tentando nos ensinar algo e logo perguntei:

- Faz tempo que o senhor pratica capoeira?

- Faz muito tempo, desde menino. Capoeira tá no meu sangue, meu filho.

- O senhor aprendeu com quem?

- Aprendi com meu mestre, com meus companheiros de capoeira e aprendi com a vida. Às vezes chegavam a Fortaleza uns marinheiros vindos da Bahia que praticavam capoeira, e sabiam mais que a gente. Eles faziam roda ali, na Volta da Jurema. Eu chegava junto e tentava aprender o máximo que podia. Movimentos novos e tudo que eles quisessem ensinar. A caminhada foi longa, mas posso garantir que ainda hoje eu me emociono quando entro numa roda. Não posso ouvir o toque de um berimbau que meu coração começa a bater mais forte.



Lembro de outra roda que foi muito legal. Eu nunca tinha visto o Mestre Everaldo Ema jogar. Mas a lembrança que eu tenho dessa roda é dele. Um capoeirista, de quem eu não me lembro o nome, começou a ser um pouco mais agressivo na roda, principalmente com o pessoal mais novo, que estava há pouco tempo na capoeira. O Mestre Everaldo viu aquilo e não gostou muito. Entrou na roda para jogar e caiu para cima do capoeirista. Menino, foi uma aula de capoeira. O cara ficou foi tonto, foi derrubado umas três vezes. O pobrezinho cansou e resolveu sair da roda. Mas depois o Mestre Everaldo foi falar com ele. Pediu para ele ser menos agressivo com o pessoal que tava começando, já que eles não tinham tantas habilidades para se defender. E disse, por fim, que ele jogava bem e tinha de continuar treinando.

Agora, teve uma roda que não dá para esquecer. Não dá porque a roda ia acontecer e não aconteceu já que os capoeiristas tiveram que sair rápido para ajudar a mãe Valéria. Depois a roda ocorreu sem problemas. Estávamos todos preparados para dar início à roda quando chegaram duas pessoas correndo, pedindo ajuda:

- Pessoal, tão querendo invadir o terreiro de Mãe Valéria. O pessoal tá querendo destruir o terreiro.

Isto já havia acontecido outras vezes. Estava se tornando comum a invasão e a destruição de terreiros de umbanda e de candomblé. Alguns meses antes, tinham tocado fogo no terreiro de Pai Marcos, destruíram tudo e ainda picharam:

"Fora daqui Macumbeiros".

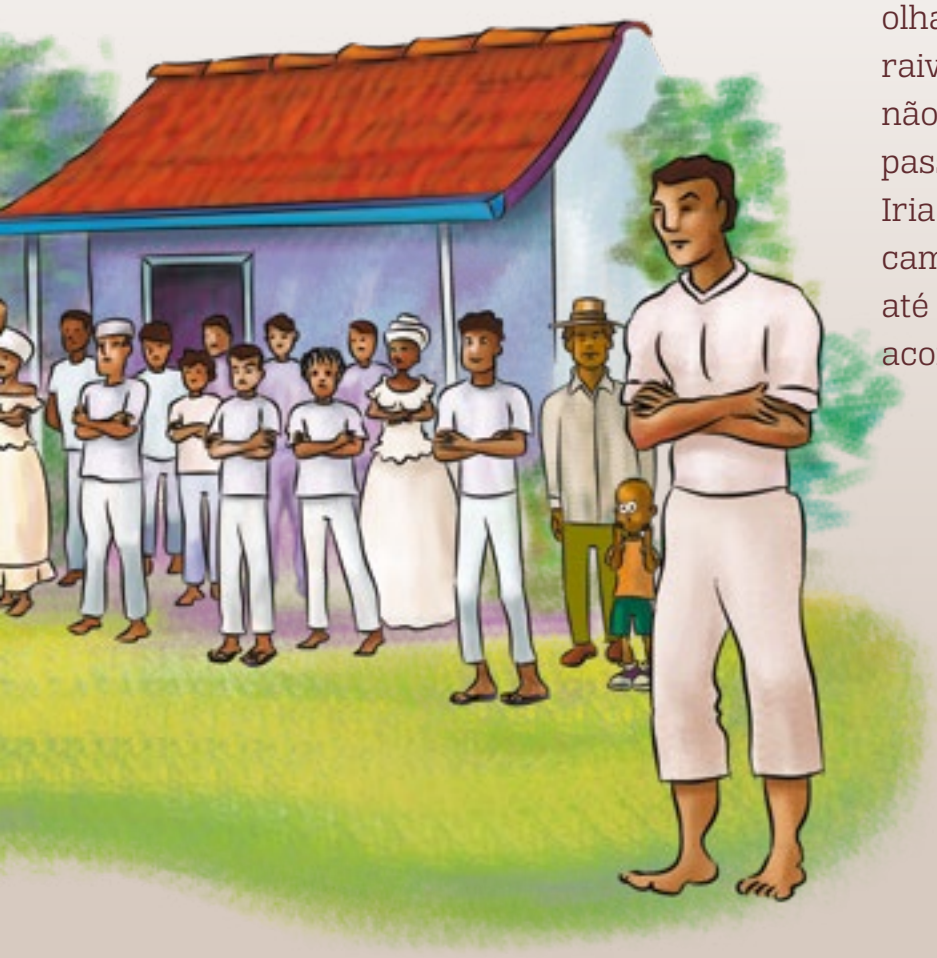
Os capoeiristas correram. Todos foram acudir Mãe Valéria. Alguns capoeiristas que estavam lá frequentavam o terreiro.



Fiquei de longe vendo o que estava acontecendo, pois Mestre Romeiro não me deixou ficar muito próximo. Os capoeiristas se posicionaram um ao lado do outro na frente da Casa de Mãe Valéria, de braços cruzados. Os filhos de santo não deixaram por menos e se posicionaram ao lado dos capoeiristas. A Mestre Carla gritou:

- Ninguém vai entrar aqui. Para entrar, vão ter que passar por cima de todo mundo!

Mestre Carla é baixinha, mas é valente como só ela. O pessoal ficou meio intimidado. Ficaram ameaçando se aproximar, mas não tiveram coragem. Os capoeiristas estavam com cara de pouquíssimos amigos. Se fosse eu, olhando a cara de raiva de cada um, eu não daria nenhum passo à frente. Iria devagarzinho caminhando para trás até sumir. E foi isso que aconteceu.



Depois que os invasores se dispersaram, os capoeiristas pediram permissão à Mãe Valéria e fizeram a roda em frente à sua casa. Aquela roda foi diferente. Cantaram muitas músicas de resistência. Os primeiros mestres a jogar foram o Mestre João Baiano e o Mestre Buldogue. Antes de começar, o Mestre João Baiano pediu a palavra:

- Pessoal, capoeira é resistência. Hoje lutamos pela Mãe Valéria. No passado, nossos irmãos tiveram que lutar para sobreviver. Muitos morreram, mas a capoeira tá viva, graças a essa resistência. A cultura negra vive! E viva a capoeira!

E o pessoal respondeu:

- Viva!

Depois começaram a jogar uma capoeira mais lenta, a capoeira angola, uma capoeira que se aproxima mais de como jogavam os escravos:

Iê viva meu Mestre
Iê viva meu Mestre Camará
Iê quem me ensinou
Iê quem me ensinou Camará
Iê a capoeira
Iê a capoeira Camará

Nesse dia, conheci Mãe Valéria. Para a minha surpresa, Mãe Valéria era aquela senhora que nos havia dado comida e água dentro do ônibus quando estávamos vindo para Fortaleza. Naquela ocasião ela voltava da casa de um conhecido que tinha estado doente. Mãe Valéria cura as pessoas, e com seu amigo não foi diferente. Ficou lá por um bom tempo até conseguir a cura. Ao chegar a nossa casa, contei para minha mãe sobre Mãe Valéria. A partir daí começamos a frequentar seu terreiro. Passei a frequentá-lo quase todos os dias. Adorava e ainda gosto muito de estar lá.

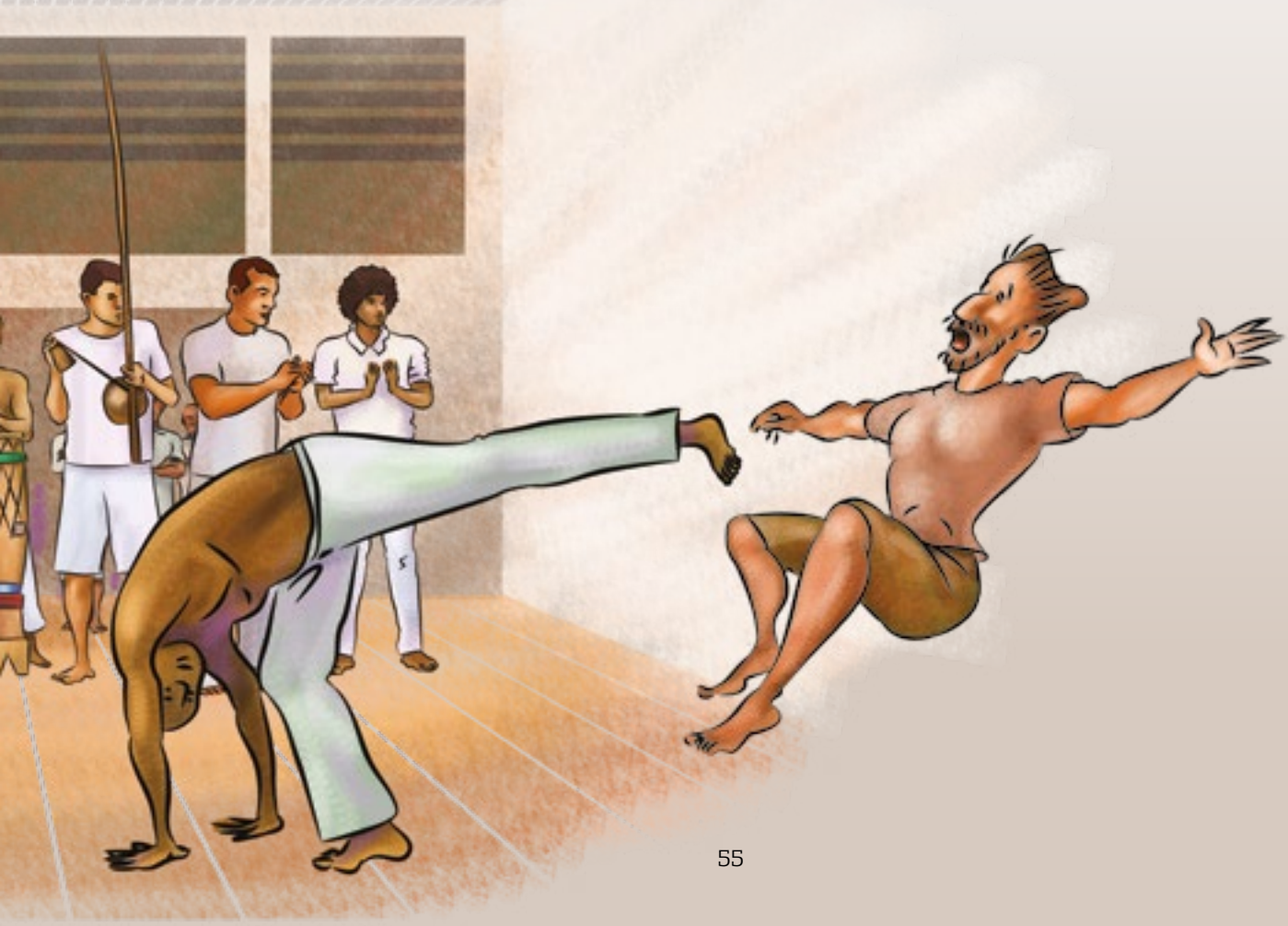


Em Fortaleza, havia umas rodas grandes onde só entrava quem era muito bom. Os sarobas, que é como se chama quem não joga muito bem, sofriam muito. O pessoal dizia: “entra quem quer e sai quem pode”. O negócio era duro. Vinha gente de muitos lugares. Nessas rodas, os capoeiristas mais experientes treinavam forte para testar suas habilidades. Se o capoeirista não estivesse muito preparado, podia sair machucado. O negócio não era muito fácil não, saía literalmente faísca. Quando o jogo esquentava, “rolava couro”, como se dizia. Nessas rodas, os capoeiristas eram técnicos e muito duros. Caíam para dentro a fim de mostrar que eram os mais habilidosos, os melhores. Tinha a roda do DCE, da Gentilândia, da Barra do Ceará, dentre outras.

Mestre Skisito era o responsável pela roda do DCE. Influenciou mudanças importantes na capoeira de Fortaleza. Trouxe o sistema de cordas, um treino de capoeira mais intenso e outras coisas. O Mestre Skisito odiava briga, mas valorizava o treino, a capoeira justa e bem jogada. Certo dia, chegou um capoeirista da Bahia que não conhecia a capoeiragem de Fortaleza, para participar da roda do DCE. O cara chegou cheio de confiança, dizendo que na Bahia a capoeira era assim, era assado.



Chegou cheio de marra, como se diz por aí. Quando entrou na roda, percebeu que o negócio não era muito fácil. Com o primeiro que jogou, ficou meio tonto...com o segundo, já tinha esquecido o nome e o rumo de casa...Com o terceiro, que foi justo o Mestre Squisito, o cara teve uma aulinha particular de capoeira e tenho certeza que voltou para a Bahia falando bem da capoeira do Ceará. O Mestre Skisito deu uma sequência de armada, queixada e meia-lua de compasso. Foi a sequência mais rápida que eu vi; aliás, eu nem vi tudo. Vi o começo e, de repente, o baiano estava estatelado na parede. Dizem que até hoje existe uma marca do baiano na parede do DCE.



Cada roda que a gente ia, aprendia muito. Mesmo que eu não entrasse na roda, ficava observando o pessoal mais antigo jogar, as técnicas dos mestres e estava atento para aprender novos movimentos. A cada dia, a capoeira se tornava a minha vida. Quase todos os meus amigos eram capoeiristas; quando não estava na escola, com certeza estava praticando capoeira. Quando saía de casa, era para ir a uma roda, a um batizado ou a outro evento de capoeira.



Minha irmã praticava também, mas, com o tempo, acabou parando. Mestre Romeiro percebeu meu entusiasmo. No meu batizado, o mestre me deu o apelido de “Zantoin”. Era como chamavam meu pai. Nós temos o mesmo nome. Como meu pai tinha desaparecido, o meu apelido foi uma forma que o mestre encontrou de me tornar mais próximo da memória dele.









Um dia, o Mestre Romeiro nos disse que íamos a uma roda à noite. Ficamos todos satisfeitos. Pela manhã seguimos para a escola como fazíamos todos os dias. Infelizmente foi mais um dia difícil. Briguei novamente e tive que ir para a diretoria. Chorei bastante de raiva pois o que estava acontecendo era injusto. À noite, não fui à roda. Fiquei no meu quarto acantoado.

Para onde eu olhava, enxergava algum ato racista. Não aguentava mais. Na capoeira falavam da cultura negra, da resistência dos escravos, de Zumbi dos Palmares. Na escola, era apelido, era carvão, era macaca, era neguim. Eu não dizia nada. Minha mãe perguntava os motivos de tantas brigas, mas eu só dizia que não gostava dos meninos e que eles não gostavam de mim. As brigas ficaram freqüentes. Minha mãe estava inconformada com a situação. Depois de tantas brigas, idas à diretoria, suspensões, ela, quando podia, acompanhava a gente à escola, assim como também ia nos buscar.



Em um desses dias, Mestre Romeiro foi com minha mãe nos pegar na escola. Chegando lá, eles presenciaram um adulto me chamar de “neguim”, enquanto outros ficaram mangando e rindo de mim. Mestre Romeiro discutiu com as pessoas, disse-lhes que precisavam me respeitar, e as chamou de racistas e covardes. A confusão não foi pequena. Minha mãe tentou acalmar Mestre Romeiro, pois ele estava completamente transtornado. A diretora foi rapidamente chamada; a confusão na escola estava quase fora de controle. Logo que chegou, perguntou o que estava ocorrendo. Minha mãe lhe relatou o ocorrido.



A diretora então respondeu que aquilo tudo não era tão grave, que bastava uma boa conversa e as coisas se resolveriam:

- Vocês estão fazendo uma tempestade em copo d'água.

Minha mãe, que estava muito calma, ficou vermelha de raiva e partiu para cima da diretora, dizendo-lhe muitas coisas, principalmente que aquela situação não era nem um pouco normal e que ela não poria panos quentes em algo de tamanha gravidade. Mestre Romeiro chamou a polícia, a imprensa e denunciou o que estava ocorrendo. A repercussão do caso foi enorme: saiu nos jornais, na televisão...todo mundo ficou sabendo.





Nunca tinha visto minha mãe daquele jeito:

- Mãe, a senhora está parecendo a Sanhosa...

- Que é menino, respeito é bom e ajuda a preservar os dentes!

- É que a senhora estava valente que nem ela, Deus o livre!

A Sanhosa era uma porquinha que a gente criava quando morava no interior. A Sanhosa era raivosa demais. Se chegasse perto dela, com certeza era para levar mordida.

- E tu, que tá parecendo papagaio em areia quente!

- Por quê?

- Ora, porque não para de falar, peste!



Daquele dia a escola mudou muito. Não demorou e a diretora foi transferida. Chegou um diretor novo, o professor Orismídio. Ele, além de professor de artes, também era contramestre de capoeira, aluno do Mestre Skisito. Começou a desenvolver várias atividades na escola. Da primeira, eu me lembro bem. Estava quieto, na hora do recreio, quando ouvi o toque de um berimbau...arregalei os olhos! Eram capoeiristas chegando à escola.

-lala ê, lala ê, lala ê, lala ê la...

Chegaram cantando. Quando vi, a roda já estava feita. Era berimbau, atabaque, pandeiro...o pessoal se aproximou. A roda ficou enorme. O pessoal da escola estava meio sem saber o que fazer, mas não demorou e começaram a bater palmas. Alguns arriscaram cantar os refrãos das músicas. Até o pessoal que verminava jogando bola se aproximou para ver a roda.

No dia seguinte, mais capoeira. Nesse dia, o novo diretor não resistiu e entrou na roda. O cara também tinha um jogo bonito. Quando começou a jogar, os alunos foram ao delírio. Uma gritaria danada.





Passamos a ter companhia todos os dias na hora do recreio. Quando não tinha uma roda, era o maracatu que estava lá, cantando, dançando. Mãe Valéria e seus filhos de santo também iam, tocavam e dançavam. O pessoal passou a dar o maior valor, era uma animação. Passamos a ter samba de roda, coco etc.

No dia do maracatu, eles chegaram cantado as loas. Sempre que eu vejo e ouço um maracatu, acho lindo,



mas também acho triste a batida de suas músicas. O pessoal ficou impressionado quando viu aquela gente toda fantasiada, o rosto pintado de preto. Devagarzinho foi todo mundo se aproximando. A turma do futebol novamente veio em peso. No começo estava todo mundo rindo, falando no ouvido de um amigo algum comentário ou uma gaiatice qualquer, mas depois ficaram todos atentos de olhos vidrados. Os maracatus encenam a coroação dos reis de Congo.

Além das apresentações na hora do recreio, uma vez ou outra tinha umas surpresas que a gente adorava. Fomos visitados por moradores de um quilombo que passaram de sala em sala. Falaram que eram quilombolas e que lutavam, no dia a dia, pelo reconhecimento de suas terras e tradições. Falavam que eram descendentes de escravos e que tinham orgulho de suas origens.





- É isso, pessoal. Esses momentos marcaram a minha vida. Foi meu início como capoeirista, e lá se vão 25 anos. Agradeço a todos que fizeram parte dessa história: minha mãe, que sempre cuidou de mim e de minha irmã com todo amor e carinho. Minha esposa, Alice, e minha filha, Júlia. Agradeço ao Mestre Romeiro por tudo, por ter me feito enxergar o mundo com outros olhos. Se não fosse meu mestre, não sei o que teria sido de mim. Além de ter me ensinado capoeira, hoje, graças a ele e à escola que frequentei, vejo que minha vida é uma luta; não só uma luta dentro de uma roda de capoeira, mas principalmente uma luta pela cultura negra e contra todos os tipos de preconceito que há em nosso país.



Mestre Romeiro se aproximou, com alguma dificuldade para caminhar, deu um abraço forte em José Antônio e lhe entregou a corda vermelha:

- Parabéns Mestre Zantoin.

- Obrigado, Mestre.

Todos os presentes aplaudiram.

Dona Gorete se aproximou:

- Meu filho, parabéns! Mas da próxima vez você pode falar um pouquinho menos.

Começaram a rir e se abraçaram.

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO COM A
FAMÍLIA DA FONTE ALIANZA, CORPO
13, ENTRELINHA 18.

IPHAN
SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO
GOVERNO FEDERAL



Em um país permeado por manifestações de preconceito racial, é fundamental construirmos formas e instrumentos que nos levem a desconstruir, a cada dia, os efeitos nocivos produzidos por séculos de escravidão. A capoeira é uma manifestação cultural que nos remete à presença africana no Brasil; ao longo do tempo se tornou símbolo da resistência negra em nosso país. Dessa forma, o livro Capoeirices de Zantoin é uma narrativa que se propõe a falar um pouco sobre as rodas e sobre o ofício dos mestres de capoeira no Brasil, bens culturais considerados patrimônios culturais do país pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O livro também se propõe a abordar o racismo e principalmente a luta cotidiana a fim de se construir uma sociedade capaz de confrontar tal grave problema. Até mais!

Igor Soares

Edições IPHAN